



A memória do povo e do lugar e a relevância da educação igualitária e continuada nas bases comunitárias de educação popular

Andreane Moreira
Ivandilson Miranda
Tatiane Pereira

Este artigo foi fruto do EDITAL Nº 01/2020 - Premiação Aldir Blanc Bahia
Prêmio FUNDAÇÃO PEDRO CALMON, categoria MEMÓRIA

Apoio financeiro



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Ficha catalográfica elaborada pela equipe de Bibliotecárias da Gerência técnica – Getec.

M836m Moreira, Andreane.

A memória do povo e do lugar e a relevância da educação igualitária e continuada nas bases comunitárias de educação popular / Andreane Moreira, Ivandilson Miranda, Tatiane Pereira. – 2021. 20 f.

Produto editorial produzido através da Lei Aldir Blanc Bahia, Prêmio Fundação Pedro Calmon - Categoria Memória, 2020.

1. Educação. 2. Educação popular. 3. Memória. I. Miranda, Ivandilson. II. Pereira, Tatiane. III. Artigo científico. IV. Título.

CDD 370
20. Ed.



A memória do povo e do lugar e a relevância da educação igualitária e continuada nas bases comunitárias de educação popular

Andreane Moreira¹
Ivandilson Miranda²
Tatiane Pereira³

Resumo

Esse artigo apresenta a contribuição de mulheres do Subúrbio Ferroviário de Salvador para preservação da memória do povo e do lugar a partir da educação popular nas comunidades. Essa educação e possibilidade de emancipação política dos sujeitos dessa localidade, se articulou a partir das ações da Pastoral de Juventude do Meio Popular (PJMP), Comunidades Eclesiais de Base (CEB'S), Ação Católica Operária (ACO), escolas comunitárias e grupos culturais nas décadas de 1980 e 90. A base teórica/metodológica para a construção desse trabalho foram as teses da Teologia da Libertação que se desenvolveu de forma pujante e rica. O texto buscou analisar o Subúrbio Ferroviário de Salvador e suas potencialidades e resistências, as vivências de educação popular sob a ótica das mulheres suburbanas, as mães do saber como mães da luta e da memória do Subúrbio e os seus relatos sobre essa experiência de educação popular, formação política e fortalecimento da espiritualidade.

Palavras-chave: Educação Popular; Memória, Mulheres suburbanas.

Resume

This article presents the contribution of women from the Salvador Railway Suburb to preserve the memory of the people and the place through popular education in the communities. This education and the possibility of political emancipation of the subjects of that locality were articulated based on the actions of the Youth Ministry of the Popular Environment (PJMP), Ecclesial Base Communities (CEB'S), Catholic Action Workers (ACO), community schools and groups in the 1980s and 90s. The theoretical / methodological basis for the construction of this work was the theses of Liberation Theology, which developed in a vigorous and rich way. The text sought to analyze the Subúrbio Ferroviário de Salvador and its potential and resistance, the experiences of popular education from the perspective of suburban women, the mothers of knowledge as mothers of the struggle and the memory of the Suburbia and their reports on this experience of popular education, political formation and strengthening of spirituality.

Keywords: Popular Education; Memory, Suburban Women.

1. Introdução

Compreender as nuances que cercam e colaboram para a resistência e posicionamento sócio-político de um povo secularmente invisibilizado tem sido o propósito da presente

¹. Mestra em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEduC da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

². Doutor em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEduC da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

³. Mestra em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEduC da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

pesquisa. Os determinantes sociais e as estratégias de enfrentamento elaboradas por este povo, e que aparecem ainda hoje na contemporaneidade, tem seu substrato principal na memória de mulheres que participaram diretamente para a emancipação da população periférica e suburbana tendo como consequência a efetivação do direito que é sobretudo humano.

A motivação para a formulação desta pesquisa parte da minha origem enquanto mulher preta oriunda e moradora de comunidades periféricas e da percepção obtida a partir da minha atuação enquanto acadêmica e posteriormente assistente social. Desse modo, por acreditar na circularidade e na dialogicidade como ferramenta importante na construção dos saberes e por conhecer a trajetória de vida e pesquisa dos autores envolvidos, convidei Ivandilson Miranda e Tatiane Pereira para conjuntamente desenvolvermos este trabalho.

Esse fator contribuiu de forma muito esclarecedora, pois nos permitiu aguçar o olhar sobre os modos de vida e sobre as ausências sobretudo do ponto de vista educacional dessas pessoas desassistidas em suas necessidades básicas, além da questão do usufruto dos direitos humanos básicos, que, na contramão do legalmente estabelecido, se apresentam, na prática, sumariamente negados.

Esse caminhar tem nos possibilitado a ampliação de um olhar sensível às demandas sociais testemunhadas, de forma a estabelecer um compromisso com a tarefa, urgente, de valorização da produção cultural dos cidadãos invisibilizados e subalternizados historicamente, objetivando contribuir para enfrentar a segmentação e exclusão de grande parte da população, principalmente em se tratando dos recortes referentes a zonas periféricas.

A presente pesquisa empírica com base bibliográfica foi realizada entre os meses de dezembro de 2020 a fevereiro de 2021, no território do Subúrbio Ferroviário de Salvador, contou com a participação de 5 (cinco) mulheres, moradoras do subúrbio e /ou que já tiveram uma atuação efetiva relacionada aos movimentos sociais na década de 80/90. O acesso ao lócus da pesquisa, gravação e posterior divulgação foi autorizado pelas mulheres participantes que concordaram em realizar narrativas, acerca de suas memórias e trajetórias no Subúrbio Ferroviário, conforme TCLE que se encontra em anexo. Este projeto é resultado do apoio financeiro do Estado da Bahia e da Fundação Pedro Calmon Programa Aldir Blanc, (via Lei Aldir Blanc), direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal. Esperamos que esta seja um ponto de continuidade para demais pesquisas neste segmento.

2. Subúrbio Ferroviário de Salvador: Sinônimo de potencialidades e resistências

O território do Subúrbio Ferroviário de Salvador na Bahia, é uma região composta por 15 bairros, dentre essas três ilhas, ostenta belíssimas paisagens, estando presentes inúmeras belezas naturais ainda pouco exploradas pelo turismo de mercado. Embora inegável os aspectos que dizem respeito à beleza natural, como também, às outras riquezas e belezas produzidas internamente, existem por parte do poder hegemônico a clara intenção de escamotear esse território tido como berço civilizatório.

As formas utilizadas para a estigmatização desse território e conseqüentemente da população que o habita, perpassa por dispositivos midiáticos, que costumeiramente veiculam notícias em sua quase totalidade, de cunho sensacionalista, as quais associam o SFS apenas como lócus produtor de violência e de morte. A influência que jornalistas formadores de opinião pública exercem sobre o imaginário social, atestado pelos elevados índices de audiência, reforçam os aspectos de discriminação e estigma, principalmente no território do Subúrbio Ferroviário de Salvador.

A mídia é capaz de informar e fazer um trabalho de detalhamento sobre os fatos; de construir sentidos e provocar interpretações, reproduzir valores, preconceitos e estereótipos sobre determinados fenômenos e classes sociais, a partir da utilização de jogos manipulatórios condicionados, sobretudo, por valores e interesses políticos e ideológicos dos grupos dominantes. (MENDES, 2017, p.30).

Contrariando essa prerrogativa a comunidade do Subúrbio Ferroviário de Salvador, ressignifica-se constantemente aproximando-se e desenvolvendo a partir do seu chão, agentes educadores que mesmo com suas diversidades, encontros e desencontros trabalham em conjunto fomentando a educação popular como contraponto ao projeto de invisibilização posto historicamente apostando em uma outra sociabilidade humana possível. “[...] a educação popular tem o potencial de ser parceira da busca. Basta, para isso, que ela não perca de vista uma de suas características fundamentais, que é inserir-se como instrumento pedagógico na sociedade que se movimenta em busca de dignidade, justiça e integração da vida.” (STRECK, ESTEBAN, 2012, p.7).

Embora cercados por este cenário de negação com intuito claro de invisibilização de um povo, sua cultura e território, a fecundidade existente na comunidade do SFS, inspira e impulsionam novos e ousados voos. Importante destacar o quanto a comunidade do Subúrbio Ferroviário de Salvador, na pessoa das mulheres suburbanas, possuem um destaque no que

diz respeito à atuação social e política, se constituindo em um pilar fundamental nesta organização e perpetuação de valores que são passados ainda hoje de geração a geração. (SANTOS, 2005).

A população do Subúrbio Ferroviário de Salvador apresenta na sua simplicidade uma potência, esse aspecto é passível de ser percebido no encontro insurgente de cunho educacional. A educação que se apresenta como encontro com o humano, possui o fator intrínseco que amálgama como uma corrente do bem, essa que acaba sendo deixada de lado em determinadas instituições por questões burocráticas. A educação experienciada no sentido mais profundo da palavra que oportuniza a descoberta de si e do outro, que usufrui do fator relacional como substrato importante do descobrir-se humano. “Uma educação popular, social e comunitária transformadora, que ao buscarem integrar os sujeitos, à sociedade, não o fazem mecanicamente: integram para transformar a sociedade, na qual estão integrados. Integrar e incluir para participar.” (GADOTTI, 2012, p.3).

O processo educativo que move a região suburbana apresenta dimensões afetivas e dialógicas, essas que orientam o futuro das pessoas e pelo fato de estarem em conexão, fazem sentido e corresponde a realidade objetiva de seus pares. A afirmação do território, o respeito às raízes, o reconhecimento à força e a presença de pessoas que possibilitaram a manutenção da cultura e cuidaram no sentido de continuidade e preservação, são fundamentais para esse *continuum* civilizatório e educativo no tempo. “[...] a compreensão da terra para o povo da área é a de que esta é um ‘dom’, existe para ser cuidada, habitada, utilizada para realizar as necessidades vitais, não para tornar-se um latifúndio improdutivo”. (SANTOS, 2005, p.151).

O reconhecimento à potência oportuniza com que a historicidade dos mestres e mestras que se encontram ou se encontraram nesse tempo, ensinem noções de convivialidade e respeito que são aspectos fundamentais do homem enquanto ser político.

Está em andamento um importante processo de visibilização de narrativas ocultadas, embora essas sempre tivessem existido na clandestinidade [...] as práticas educativas nas lutas do cotidiano são processos formativos que geram saberes que não apenas ajudam essas pessoas e grupos a viver, mas também são importantes para a recriação da sociedade. (STRECK, 2013, p. 361).

Percebemos o quanto a resistência de um povo com atributos em comum constitui fator indissociável no processo relacional que redunde em perspectivas futuras insurgentes e libertadoras. Há de se destacar de que, todo esse processo está permeado por elementos que dialogam com o passado e o presente em direção ao futuro, sob a ótica de que todo o processo

civilizatório hora em curso é signatário de uma construção formada por construções sócio-histórico-cultural, fruto de milhares de gerações que nos antecederam.

Portanto, verifica-se a importância do território para a compreensão da educação popular na trajetória relacional, considerando a comunidade como espaço necessário e indissociável ao desenvolvimento da vida em comunidade em todas as suas vertentes. Importante destacar que essa dita comunidade, está atrelada a um conjunto de fatores que envolvem desde as relações de poder construídas historicamente, como também aos processos de globalização que invariavelmente descontrói, invisibiliza e mata as noções dos territórios a nível socioespacial.

3. Vivências de Educação Popular sob a ótica das mulheres suburbanas

A ausência por parte do Estado diante do cenário de perdas e vulnerabilidades sociais diversas foi o que deu origem à combustão para o início de processos educativos que se formaram na década de 80, principalmente na região do bairro do Boiadeiro e de Periperi no Subúrbio Ferroviário de Salvador, e que se constituem o lócus fundamentador deste trabalho de pesquisa.

Na concepção de Kowarick (2009, p.19), a vulnerabilidade socioeconômica refere-se à “situação de desproteção a que vastas camadas pobres encontram-se submetidas no que concerne às garantias de trabalho, saúde, saneamento, educação e outros componentes que caracterizam os direitos sociais básicos de cidadania”.

O entendimento de que estes territórios renegados historicamente fazem parte do circuito da cidade de Salvador, e sua apropriação por parte dos coletivos que se organizaram no intuito de exigir e propiciar o desenvolvimento, não só destas comunidades, mas de outras periferias por vezes referidas nas falas das mulheres entrevistadas, denotam a potência contida no movimento social organizado, e o porquê neste modelo neoliberal este ser marginalizado.

A potência existente nesses territórios perpassa pela consciência do direito à vida, entendendo a cultura imbricada nas práticas cotidianas, compreendendo a cultura e educação como signatária do processo de lutas que possibilitem um esperançar.

Desse modo, a luta pela educação, a luta pelo acesso aos direitos humanos e sociais, a luta em prol da desconstrução do estigma enraizado pelos poderes hegemônicos historicamente, perpassam pelo movimento de consciência que envolva a comunidade a partir de suas experiências e vivências. “Os educandos têm direito a conhecer essa história e a

conhecer-se nessa história como pacientes da negação de direitos humanos mais básicos e também conhecer-se como agentes, por vezes coletivos, inseridos e movimentos sociais que lutam pela garantia de seus direitos como humanos”. (ARROYO, 2007, p. 50).

Desse modo, a participação das mulheres nesse processo de construção de outro modo possível de sociabilidade humana, se faz necessária para que a memória dessas lutas não se esvaia no tempo. Para que estes territórios não continuem atacados e vistos apenas como cenários de ausências, mas pelo que se tem, enquanto elemento fecundo de ressignificação da vida humana.

[...] visão predominante de que favelas e periferias são locais de ausência, carência, onde predomina a “vagabundagem”, ou então, usa-se a narrativa do assistencialismo, em um espaço considerado território de “pobres coitados”. [...] Por outro lado, locais de produção, melhor dizendo, de potência, onde seus moradores, mesmo diante da realidade de baixos investimentos pelo Estado, inventaram suas diversas formas de regular e de resistir à vida: por meio das artes, moradias, mobilidade, encontros etc. (FRANCO, 2018, p. 25).

O fortalecimento da cultura periférica ressignifica contingentes populacionais, e é esse entendimento da dimensão de sua própria cultura, que dá vida a comunidade. A união com o poder público deve ser efetivada de modo a estabelecer uma parceria que contribua para o crescimento das ações desenvolvidas internamente e na maioria das vezes com os poucos recursos financeiros locais. É urgente o entendimento da importância desses espaços para toda a cidade, pois o subúrbio é território de diversidades e a cidade necessita valorizar este espaço, pois o subúrbio também é Salvador! A proposta do diálogo como importante na circulação de saberes locais, não com o objetivo de propiciar ensinamento, de colonização, e sim, no intuito de se estabelecer um diálogo franco e contínuo, que possibilite a desconstrução da ideia de marginalização endêmica que permeia as mídias de forma geral, sobre a região do subúrbio.

[...] o diálogo pode criar, no processo de construção do conhecimento, possibilidades para os sujeitos se compreenderem como em constante aprendizado e se assumirem responsáveis por ações que garantam atitudes e vozes. Portanto, que rompam com as diversas formas de opressão vigente em nossa sociedade e também revelem a diversidade cultural, étnica e de gênero. (BRANDÃO, 2009, p.99).

Verifica-se a necessidade de se povoar os territórios com educação e arte, provocando novas ações em conjunto com a comunidade, na medida em que, as periferias de modo geral, possuem um elemento fundamental que é a vanguarda. Cada ação desenvolvida na e pelo povo que faz parte desse território e tem repercussões diretas na vida social, culminando com o desenvolvimento de potencialidades que poderiam estar escondidas ou sendo utilizadas de

maneira tortuosa. O reconhecimento, desenvolvimento e utilização do capital simbólico existentes nessas comunidades, promovem a emancipação, escapando assim das armadilhas da manipulação e utilização dessas potencialidades de forma eleitoreira e escusa.

3.1. Mães do saber, mães da luta, mães da memória do Subúrbio Ferroviário de Salvador

Como substrato das reflexões e contextualizações ora apresentadas neste trabalho, apresentaremos alguns elementos vivenciados empiricamente pelas mulheres que fazem parte dessa história de luta e ressignificação da vida social de um povo renegado historicamente. O anseio é de que estas histórias e trajetórias de vida possam servir de inspiração e fortalecimento para as ações que estão em desenvolvimento ainda na contemporaneidade, em várias regiões periféricas do país, mais especificadamente no nosso lócus fundamentador desta pesquisa, o Subúrbio Ferroviário de Salvador.

Quando eu comecei a trabalhar com educação foi com reforço escolar e depois fui para essas escolas pequenas de subúrbio, e depois passei num concurso e fui trabalhar em Fazenda Coutos. Lá em Fazenda Coutos tinha uma escola Comunitária, essa escola era integrada com a igreja católica, Escola Santo Antônio das Malvinas. Era uma escola que trabalhava com a comunidade em parceria com a igreja e tentava assim trabalhar a história da vida das pessoas de onde as pessoas vinham, quais os sonhos que as pessoas tinham, e tentava fazer aquelas pessoas verem na educação significado, ver a escola funcionando para melhorar as condições de vida. (Célia Regina, Professora, SFS).

Diante deste relato é possível identificar elementos centrais do processo dialético contido na educação popular com suas raízes fincadas na metodologia freireana, quando o mestre Paulo Freire, advoga acerca do sentido contido na comunicação e até do silêncio, como ferramenta fundamental para a efetivação da aprendizagem, da necessidade explícita de se comunicar como uma iteração dialógica, na qual consista o ensinar, não apenas como transferência de conteúdos, mas atentar-se às possibilidades de cada sujeito para que esta se realize.

Falar não é somente servir de uma língua, mas pôr o mundo em comum fazê-lo lugar de encontro. E aprender a falar é aprender a dizer o mundo a dizê-lo com os outros a partir da experiência de habitantes da terra [...] A comunicação é ruptura e pote: mediação. Entre dois sujeitos, por mais próximos que se sintam, está o mundo em sua dupla figura de natureza e história. A linguagem é o lugar de cruzamento de ambos, enraíza o homem na terra [...] (MARTIN ~BARBERO, 2014, p.30).

Desde os primeiros relatos, é possível identificar a centelha de esperança e vida surgidas a partir do funcionamento das escolas comunitárias na região suburbana. Tendo como metodologia as ideias de Paulo Freire, a parceria com a AEC (Associação de Educação Comunitária), possibilita o início de outros processos educativos que possuem ramificações e atuações importantes para a comunidade ainda na atualidade, a exemplo da Fundação Cidade Mãe⁴, e o Conexão Vida⁵:

A direção da escola se inspirava em Paulo Freire na época, e a escola atualmente pertence ao município, mudou um pouco, mas ainda tem gente lá trabalhando que vê ainda alguma ligação com o passado, porque não conseguem trabalhar daquele jeito que a gente trabalhava, mas consegue influenciar as pessoas que estão trabalhando lá, e esses alunos como eu estou dizendo que passaram por lá, quando participam de outras atividades, exercem a influência sobre outras pessoas e conseguem contagiar pessoas com aquele exemplo. Por exemplo: tem deles que veio pra cidade mãe, que é uma atividade do município que trabalha também com comunidade e são educadores sociais e através do que trabalham lá, levam um pouco do que aprendeu nessa caminhada com a gente. (Célia Regina, Professora – SFS).

Importante assinalar que essas escolas começaram a partir da própria comunidade, com um grupo fervilhante chamado: “Liberdade Já”. Todos os atores envolvidos neste coletivo já trabalhavam com a comunidade e cada um desenvolvia uma função dentro de suas potencialidades, alguns ocupavam-se das questões de saúde, outros para a área da educação propriamente dita com o foco na questão escolar, e assim o trabalho fluía nesta que foi uma época muito importante no SFS no que diz respeito a educação, comunicação e coletividade.

A vida dessas damas e mães do subúrbio, como nós adotamos carinhosamente denominá-las neste trabalho, esteve marcada por momentos de luta e de resistência, ante as agruras a que foram submetidas na vida suburbana, com as limitações e vulnerabilidades

⁴A Fundação Cidade Mãe (FCM) foi criada e implementada em 17 de agosto de 1995, através da Lei 5.045 de agosto de 1995, pelo Poder Público Municipal de Salvador, estando vinculada à Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude. O trabalho da FCM está voltado para a superação do quadro de desigualdades sociais por meio da formulação e execução de políticas públicas de atendimento a crianças, adolescentes e jovens em situação de risco pessoal, social ou de violação de direitos, na perspectiva da sua Promoção, Defesa, e Proteção. Disponível em: http://fcm.salvador.ba.gov.br/images/Banner_Testes/Fotos-do-site02.png.

⁵. Surge em 2006 a partir da iniciativa da “Progetto Agata Smeralda”, desenvolvido na Itália, procurou o Centro Social Dom Lucas Moreira Neves com o pedido de coordenar no Brasil um trabalho de acompanhamento com orientação educativa e psicossocial junto às entidades e instituições que atendem crianças e adolescentes inscritos no “Progetto”. O Conexão Vida opta por um processo educativo libertador, interagindo com as famílias, nos espaços educativos, nas comunidades e também junto à sociedade civil organizada, para tecer uma rede de relações positivas que possibilitem a transformação social. Disponível em: [Quem Somos - Institucional - Programa Conexão Vida \(programaconexaovida.org.br\)](http://www.programaconexaovida.org.br).

existentes principalmente no que diz respeito à ausência do Estado em situações de calamidade pública.

[...] Choveu muito aqui e teve uma enchente terrível, e a paróquia precisou acolher as pessoas desabrigadas, o padre Antônio Oliveira, que ainda está aqui no subúrbio, mas tá aposentado e tal, e dava muito apoio a comunidade. Era invasão, e os lugares enchia né? Então começou assim, esse problema do pessoal adoecendo, e tinha muito rato também nessa época, muito rato, e pegavam a doença do rato, leptospirose, isso tinha demais. Ai juntou eu, o padre Antônio Oliveira, um grupinho, umas quatro pessoas, pensamos juntos, o que a gente podia fazer? Remédio caro, todo dia precisava de remédio, o que a gente podia fazer pra ajudar esse pessoal, ai vamos fazer remédios caseiros. (Everaldina, Saúde das plantas, Educadora Popular).

Embora invisibilizados pelo poder hegemônico, cerceados a um espaço territorial de forma a não serem identificados como parte da cidade, percebe-se neste relato a força das ações coletivas pela emancipação se apresentando em sua pujança como pedagogias libertadoras radicais. Nestas se manifestam diversos sujeitos e criam iniciativas em sua forma plural e através dessas organizações populares, se unem os trabalhadores da saúde, e de outros segmentos em prol do fortalecimento nas lutas dos diversos movimentos sociais. (ARROYO, 2014). Concordando com a reflexão que segue:

A educação popular justifica-se ao passo que o povo, no processo de luta pela transformação, precisa elaborar o próprio saber. Ela está vinculada a um projeto social transformador, enfrentando a distribuição desigual dos saberes e incorporando o saber como ferramenta de libertação nas mãos do povo. A educação Popular vem sendo cada vez mais desenvolvida no interior das práticas sociais, sendo nesse interior que reside a sua força e sua incidência. (AMARAL, MONTRONE, 2015, p.79).

A força destas ações aparece de forma significativa, no relato de Everaldina, acerca de um período de construção e fortalecimento pela população da região que sofria pela incidência de doenças e a falta de acesso à saúde:

Tinha muita gente com crises fortes, e a gente fazia os xaropes, usava o broto da banana e folhas da costa... Fizemos vários tipos de xaropes, vários tipos. E ai a gente foi fazendo esse trabalho, e depois foi outras pessoas também da comunidade começou a participar, ai a gente fez uma farmacinha caseira, que o pessoal ia ali, os que tinham um dinheirinho, dava uma gratificação pra a gente, aqueles que não tinham levavam o remédio do mesmo jeito, e assim a gente passou. Começou em 80, foi 88 esse trabalho, a gente teve a farmácia no Pelourinho que chamava “Botica da Terra⁶”, e até 2002 a gente ainda tava lá na Botica né? Depois a gente se

⁶ . O grupo Associação de Educação em Saúde Botica da Terra, formado por mulheres de comunidades do subúrbio ferroviário, periferia de Salvador, inicialmente unidas pelas Comunidades Eclesial de Base, da Arquidiocese de Salvador, organizou seu primeiro grupo, objetivando achar soluções para questões de educação e higiene infantil, com as mães da Escolinha Comunitária. Dentre os objetivos específicos estipulados a partir da academia destacam-se:

afastou. Mas o trabalho permanece, e eu vejo a importância, muitas mulheres, muita gente envolvida, tinha pra mais de trinta pessoas, esse trabalho, todo mundo ainda continua em suas casas, quando uma pessoa precisa, uma pessoa tá sentindo alguma coisa, sempre tem aquele remédio, então nessa época a gente caminhou com esse trabalho de saúde alternativa. (D, Everaldina, Educadora em saúde popular).

Mesmo com todos esses processos formativos e emancipatórios aos quais essas mulheres participaram se depararam em dado momento, com a desconstrução de um sonho que era o estabelecimento de uma farmácia popular no centro da cidade. Contudo, percebemos que a tentativa de invisibilização não pode colocar um fim no sonho e na trajetória firmada.

Tivemos também muita perseguição. Esse trabalho é muito perseguido, porque coisa de pobre, e caminhar com quem não faz faculdade. As que tinham está continuando trabalhando em Hospital né? E quem não podia mais fazer, eu mesmo não tinha mais saco pra faculdade, rsrs, e aí foi assim que a gente parou, porque fizeram um curso lá com agente, o pessoal da Faculdade de Medicina, aí depois desse trabalho com a faculdade de medicina, veio uma deles trabalhar com a gente, criou (gesto, apontando para os olhos), porque veio trabalhar com a gente. Aí a gente foi ensinando os alunos dela, ensinando e tal, e ela sempre por ali com a gente, ela botou uma farmaciazinha e depois denunciou a gente, que a gente não era registrada, aí por isso que a gente fechou a botica do Pelourinho. (Everaldina, educadora popular, SFS).

O entendimento e valorização do saber necessita ser ressignificado na sociedade atual. Compreender o entendimento e sapiência de povos que nos antecederam deve ser a ética a ser regida para um novo tipo de sociabilidade humana possível. A urgência do rompimento com esse modelo de sociedade que, aproveitando-se dos saberes ancestrais e de forma preconceituosa oportunamente os exclui, é uma máxima perpetrada historicamente. Urge o estabelecimento de diálogos éticos e sensíveis e balizados pelo princípio básico da alteridade.

Na relação de comunhão, conhecimentos são colocados à disposição e respeitados num processo de conscientização de todos e de ampliação de conhecimento acerca daquela realidade. Impossível, pois, nesta relação, tanto girar sem saída em torno do senso comum, quanto girar em torno do conhecimento sistemático do educador, como expressão inequívoca da realidade que se quer transformar. (OLIVEIRA et.al., 2009, p.313).

Contato com o trabalho de campo, subúrbios de Salvador, visando à pesquisa dentro da temática plantas medicinais e herança cultural em medicina popular. A herança africana em medicina popular, sua influência e os usos medicinais e ritualísticos das plantas; Contato com a informação de fontes científicas e interpretação das mesmas; Conceitos de doença e saúde; Desenvolver estudo de campo voltado para o uso de plantas medicinais usadas popularmente na comunidade terreiro e pelos grupos que compõem a Botica da Terra; Redigir relatórios técnicos concluindo as informações apreendidas a partir dos trabalhos desenvolvidos. Produção de material para devolução de conhecimento; fortalecer a importância do papel das mulheres nos processos de cura das doenças do grupo familiar e a manutenção do estado de saúde; recuperar as instalações internas da casa da Botica da Terra e retomar o trabalho das mulheres na Central de Beneficiamento. Disponível em: [Farmácia da Terra - UFBA](#).

As boas lembranças dessa época que D. Everaldina se reporta como uma longa caminhada deixou seus frutos que são semeados e colhidos até hoje. Recentemente, mas precisamente em 2019, aconteceu o Seminário de Saúde alternativa popular idealizado pelo Conselho dos pescadores da Bahia, tendo sido realizado na sede do mesmo Conselho. Com duração de dois dias, com a participação de pessoas de outras localidades e com a mesma vivência com saúde alternativa.

Desse modo, mais uma vez, D. Everaldina participa entre acadêmicos e outras lideranças comunitárias no intuito de perpetuar esse legado. Esta é mais uma prova de que essa sabedoria, não morreu. Como extensão dessa iniciativa, existe também na atualidade, um trabalho com os pescadores e pescadoras artesanais, desenvolvido juntamente com o CPP (Conselho Nacional de Pescadores), do qual uma das entrevistadas, Maria da Conceição faz parte, e D. Everaldina sempre participa dos encontros e processos formativos no intuito de ensinar as pescadoras como utilizar as folhas e assim, trocar experiências.

Tem o CNP (Conselho Nacional de Pescadores), que trabalha com pescadores artesanais, do Conselho Pastoral a nível nacional, mas que trabalha também a nível nordeste, recôncavo e local. Tem também ainda essa proposta de retomar essa questão da saúde, principalmente a saúde dos pescadores, precisa ter uma atenção maior. As pescadoras sofrem muito com doenças ocupacionais e muitas vezes não é nem reconhecida no INSS. E uma das vertentes dessa luta, é a prevenção, trabalhar com a saúde preventiva, alternativa e integral. Um desses trabalhos é o resgate do entendimento universitário com esses medicamentos, então tivemos em 2019 esse seminário, tinham pessoas que foram voluntariamente, receberam um valor muito irrisório, foram profissionais que trabalham com massagem, com reiki, com constelação familiar, tinha o pessoal também do candomblé que foi também trabalhar com as folhas, importante a energização com as folhas, e o pessoal da saúde com os medicamentos que foram d. Everaldina e d. Nalvina, que são duas pessoas que fazem parte desse grupo. Então foi muito interessante no sentido de resgatar, porque elas sofreram essa perda aí, e realmente é um trabalho muito rico, e que poderia... Continua, com muito esforço, mas que sofreu essa perseguição, ea ideia é retomar esses conhecimentos, pra falar um pouco desse aspecto. (Maria da Conceição, assistente social, moradora SFS).

Gohn (2012, p. 41), traz a luz, acerca da forma de organização popular e das suas características comuns nas quais consistem em: “as associações e movimentos comunitários desenvolvidos no Brasil a partir de 1970, impulsionadas inicialmente pelas práticas da Igreja Católica em sua ala denominada Teologia da Libertação”. Destacamos uma característica, “as lutas envolvem os setores mais espoliados e miseráveis da sociedade; toda a argumentação das demandas se faz em torno da noção de direitos”.

Existia nessa ocasião, foi um momento assim riquíssimo, foi o movimento das Comunidades Eclesiais de Base com a Teologia da Libertação, e esses trabalhos

todos que estamos falando aqui e muito mais que estão passando a minha cabeça, era uma coisa assim muito articulada. (Aracy, agente pastoral).

A intersectorialidade das ações contidas e experienciadas por esse agrupamento traduzem a riqueza das relações educacionais desenvolvidas que fortalecem a comunidade e sua rede social estendida. Mesmo em tempo e territórios distintos as práticas educativas e culturais contribuem para o fortalecimento dos sujeitos imbricados neste processo, fortalecendo-os enquanto sujeitos de direitos, sujeitos políticos. Desse modo, a educação popular parte da premissa de situá-los como atores da sua própria libertação.

Agora em termos gerais pra falar um pouco do trabalho aqui, eu tô me lembrando que tudo começa com o desejo em participar, assim das atividades da igreja, e na época a teologia da libertação era muito forte né? E pra mim foi despertar assim, de horizontes, que aí eu saí daquele núcleo familiar e fui pra o núcleo social, e passei a enxergar o social. (Maria da Conceição, assistente social, moradora do SFS).

O desejo de participar aparece como um grito de resistência, da não aceitação do lugar de subjugação e invisibilidade atribuído aos outros, aos diferentes do estabelecido hegemonicamente. A vontade de livrar-se das amarras impostas desde o colonialismo impulsiona os sujeitos que ao despertarem a consciência de que são pessoas e detentora de direitos estabelecidos desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que em seu artigo 1º dispõe de que todos os seres humanos nascem livres e iguais, tendo este reforçado no Brasil através da implementação da CF (1988). A consciência política possibilitou uma interlocução de vozes e saberes conforme podemos testemunhar na fala de D. Aracy a seguir:

A metodologia das Comunidades Eclesiais de Base fazia com que a gente pudesse ser inserida, eu tinha o meu papel, mas estava inserida no trabalho do outro. Era uma riqueza muito grande. Então a gente recebia formação, dava informação e ao mesmo tempo trazia pra comunidade. Trabalhava-se em redes, era uma rede muito forte, eu me emociono eu fico assim, me arrepio, era uma coisa muito bonita. Então a gente trabalhava com agente pastoral leigo, trabalhava com as lavadeiras, trabalhava com Educação Popular com o método Paulo Freire, trabalhávamos com os bairros, a gente participava do Movimento de Defesa do favelado e por aí vai... Tudo se entrecruzava [...] Não era grupos isolados, abrangia muito mais, porque como havia essa rede, era todo esse pessoal em volta da arquidiocese que se reunia e fazia as caminhadas. Nessas caminhadas não iam só quem era lavadeira e agente pastoral não, iam os grupos de educação, de saúde de APN, todos nós íamos. (Aracy, agente pastoral).

A tônica do movimento estava pautada no coletivo. Entendiam de fato a proposta de libertação no seu sentido mais profundo e encarnado da palavra. As reuniões terminavam em festa como que celebrando as conquistas que se harmonizavam e apontavam a esperança. Havia também por parte das Eclesiais de Base através dos seus atores envolvidos, a

preocupação em transcrever as obras que se apresentavam em formato erudito, em uma linguagem de forma que a população compreendesse. A metodologia utilizada privilegiava a aproximação e compartilhamento com a comunidade numa metodologia dialógica e acessível.

Esse trabalho, que era interligado o tempo todo, a suburbana mesmo era um caldeirão, Periperi que era onde acontecia muitas reuniões e tinha o apoio, Plataforma já era mais ligada a cultura, arte, teatro, tinha muito gente assim focado no teatro. Tinha a ACO também que era a Ação Católica Operária, que ninguém era operário, mas a gente participava assim mesmo, e aí tinha a coordenação que se ligava ao grupo das lavadeiras né? Entrava nesse grupo também a aí vinha o pessoal de Dias D'Ávila, tinha coordenação geral que dava esse apoio, tinha a coordenação no RJ, a gente ia pra reuniões no Rio de Janeiro, e aqui fazia as reuniões de base, da Ação Católica Operária, com os livrinhos, tem muitos livrinhos da Ação católica operária, que trazem todo o histórico, do início do sindicalismo aqui no Brasil, riquíssimo né? o conhecimento...e pra a gente era conteúdo que ia se multiplicando aqui entre a gente, e a gente ia passando. (Maria da Conceição, Assistente Social, SFS).

A trajetória de Conceição se confunde com a trajetória dos próprios movimentos sociais e dos movimentos de educação popular no Brasil. Os movimentos sociais são organizações fundamentais para que as ações de educação popular aconteçam. Para Dos Anjos (2015, p.130), Paulo Freire pensa a educação popular, em primeiro lugar, “como esforço de mobilização e organização das classes populares; sem desprezar, obviamente, o seu aspecto de capacitação, o que implica a questão da relação entre as diferentes formas de saber”, entre o saber técnico-científico e o “saber de pura experiência feito”.

Essa experiência apresentada, a partir, das “mães do subúrbio”, mulheres que foram fundamentais para a estruturação das pastorais, as Comunidade Eclesiais de Base (CEB'S), das escolinhas comunitárias e projetos culturais no Subúrbio Ferroviário de Salvador, demonstram a importância (força) da educação popular e dos movimentos sociais para emancipação do povo.

Esse movimento foi muito importante, eram lindas as reflexões que elas faziam, a partir da consciência de que elas são pessoas, que elas eram e são pessoas, então isso aqui foi, como um movimento de resistência a se deixarem instrumentalizar a se deixarem.....(incompreensível), então, era muito bonito da parte das mulheres, Nós aprendemos muita coisa que não estão nos livros nem os livros ensinam. Porque os livros não ensinam a resistência, e é uma resistência interessante isso. É uma resistência, que passa pela afirmação do que se é: Gente! É uma afirmação pela consciência daquilo que se é. Então essas pessoas, pouco a pouco, tomando a consciência de que são pessoas, de que é gente e que precisa ser respeitada como gente, isso dá resistência, eu acho que a resistência sobretudo das mulheres passa por aí, sabe? Eu digo assim que o movimento que a igreja durante muitos anos cultivou com as CEB, 's as CEB's animavam, não é que ensinavam, mas animavam as pessoas, claro que aí você aprende muito também e você aprende sobretudo com o exemplo da outra. Mas as CEB's animaram muito essas mulheres, é interessante que a CEB's não tem discriminação. É pra homens e pra mulheres, mas a maioria

era de mulheres, sempre foi, e aí as CEB's traziam muitos elementos importantes pra a resistência e as mulheres na verdade aprenderam, não só porque ouviam mas por causa desse espírito de sobrevivência, de luta, de maternidade que existe na mulher, de gerar vida, então isso era uma coisa espetacular. (Irmã Giseli Catarina).

As Comunidade Eclesiais de Base (CEB'S) vão contribuir decisivamente para o engajamento, educação e mobilização das pessoas das periferias brasileiras, sobretudo em Salvador- Ba. A presença feminina nas CEB'S é outro elemento importante, essas mulheres se tornam "Mães da luta" e como afirma Gisele, "a resistência sobretudo das mulheres" passa por essa experiência de conhecimento da sua espiritualidade, da sua identidade e da sua humanidade.

Nós passamos ao todo 18 anos, acompanhamos o crescimento de jovens, e isso dá uma alegria muito grande! Acompanhamos tantos jovens, que saíram dessa periferia e hoje estão nas frentes de luta, nas batalhas, como professores, como educadores que são não é? Muitos deles, você conhece alguns que estão concluindo ou já concluíram doutorado e sem perder a identidade. Isso é lindo! Sem perder a identidade é muito lindo! Eu guardei e guardo com ciúmes até, os aprendizados e as pessoas que eu cultivei lá. E você conhece deles: Missinho, Moisés, Ivandilson, Dinho do Acervo da Laje e tantos outros que estão por aí, pela vida. Eu tô falando de alguns, mas são muitos. São muitas pessoas que passaram assim pelas nossas vidas. Eu sei que existe uma chama nessas pessoas que citei aqui agora, essa chama de mudança, de transformação, essa chama não morreu. Pelo contato que tenho com eles. E tem outras pessoas também que conheço do outro lado, de pessoas de periferia, pessoas que hoje estão professores em Universidades, pessoas que não perderam aqueles valores e que estão tentando passar adiante. (Irmã Giseli Catarina).

De fato, esse trabalho foi crucial para que jovens pudessem sonhar e conquistar seu espaço na sociedade. O acompanhamento feito aos jovens, por essas pessoas, como afirma Gisele, transformou a vida desses jovens que hoje são intelectuais, professores, formadores de opinião. Nesse sentido, de acordo com a perspectiva freiriana de educação, o ser humano oprimido que se encontra com esses movimentos sociais e essa pedagogia libertadora, desperta para a luta, para a necessidade de um mundo sem opressão.

De acordo com Freire (2015), a possibilidade de humanização do oprimido é uma espécie de subversão da ordem, pois numa sociedade capitalista os seres humanos perdem sua humanidade e são reificados. Esse trabalho desenvolvido no Subúrbio Ferroviário ao longo das décadas de 1980/90 comprovou a vitalidade da educação popular e dos movimentos sociais.

A fala amorosa de Aracy nos mostra o prazer do seu relato e da sua alegria por fazer parte desse processo.

Você começou agradecendo a gente pela disponibilidade de fazer isso, assim eu quero terminar agradecendo a você, porque são momentos da vida, eu nunca quero me desligar dessa coisa, eu sempre digo disso, eu quero morrer lembrando disso, porque você fez a gente aqui costurar juntas nessa oportunidade, uma colcha de retalhos, feito com pedaços tão bonitos que é a vida da gente, e a história da vida do nosso povo, eu tô me sentindo abraçada!!! (Aracy, agente pastoral).

O relato de Aracy, expressa uma das grandes qualidades desse momento dos movimentos sociais e do papel dessas mulheres que foi, através do diálogo fraterno, consolidar relações, conquistar corações para a emancipação. A prática da educação popular tem no diálogo entre os sujeitos, o seu maior aliado, pois é a partir do diálogo que se dá o confronto dialético de ideias e a produção de conhecimento que nasce dessa dinâmica, dessa troca de saberes. O diálogo como ferramenta para provocar um saber que não se impõe, mas se constrói numa dimensão democrática e humana de educação: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação, na reflexão.” (FREIRE, 1987, p.108)

O diálogo, na perspectiva freireana, é um ato amoroso, pois supõe uma permanente disponibilidade a receber o Outro; sendo amoroso, não é arrogante e tem a humildade como horizonte: “Só existe o diálogo, pois, ele é feito por homens e mulheres em comunhão sabendo que como humanos têm muito de si no outro.” (ARAÚJO, 2015, p.34). Acolher e registrar esses diálogos, foi para nós um dos grandes prazeres desse trabalho.

Então nós, aprendemos muito com o povo. Aprendemos sobretudo a questão da resistência da mulher. Aquelas mulheres assim, incríveis, né? Pobres, batalhadoras, numa luta renhida, uma luta assim, enorme por causa dos filhos, sobretudo. A gente via nas mulheres, assim aquele valor, aquela coragem de lutar, de não se poupar, pra dar o melhor aos filhos. Então a busca de escolas, procurar os meios de que eles aprendessem alguma profissão, alguma coisa, isso era uma coisa assim muito bonita. A gente sente que as mulheres não queriam ser repetidas pelos seus filhos, que elas queriam algo melhor para eles, do que a vida que elas tinham levado. Então a luta das mulheres, ali era uma coisa “anônima”, mas muito forte você via que elas se jogavam na vida, pra defender o direito que tinham os filhos, né? Então, todas elas foram importantíssimas, no nosso aprendizado, porque nós estávamos ali como aprendizes na verdade. Eu vou dizer o que ficou pra mim: Pra mim foi um aprendizado que entrou pelo coração, e não saiu mais, porque aquilo tudo ficou pra mim como lições de vida que nenhum livro é capaz de escrever. Nenhum livro me traz o brilho dos olhos das pessoas, viu? Eu via nas pequenas conquistas o brilho dos olhos das mães, dos próprios jovens, dos adolescentes e isso nenhum livro mais ensina. Essa força, essa garra que tem esse pessoal, essas pessoas, nenhum livro me ensinou, isso pertence ao meu acervo pessoal! (Irmã Giseli Catarina).

Considerando a potência das narrativas das damas e mães do Subúrbio e o alcance dessas histórias como referências para tantas outras mulheres que ao longo da vida foram silenciadas e negadas sua presença nos diversos espaços, destacamos a força, a resistência e a esperança na riqueza do discurso de Evaristo (2006, p. 10):

Nossas vozes-mulheres negras ecoam desde o canto da cozinha à tribuna. Dos becos das favelas aos assentos das conferenciais mundiais. Dos mercados, das feiras onde apregoamos os preços de nossas vidas aos bancos e às cátedras universitárias. Dos terreiros onde as Mães acolhem seus filhos convictas na força da palavra, no Axé, aos movimentos feminista e negro. Desde ontem... Desde sempre... Nossas vozes propõem, discutem, demandam. Há muito que dizer. Há muitos espaços ainda vazios de nossas vozes e faremos chegar lá as nossas palavras. Há muito que fazer dizer. Não tememos.

A força, resistência e resiliência demonstradas pelas contextualizações realizadas ao longo dessa pesquisa tendo como foco principal as memórias de mulheres com a força suburbana, marca um *continuum* de tempo, que possui raízes ancestrais, seiva e fruto que se harmonizam na atualidade e ainda hoje podemos vislumbrar e futuramente vir a colher as sementeiras realizadas em tempos de aridez.

Considerações Finais

As investigações empíricas e bibliográficas realizadas ao longo dessa pesquisa demonstrou de maneira significativas a importância transcendental das mulheres e dos diversos movimentos sociais que funcionaram como mola propulsora no estabelecimento de direitos humanos e sociais solidificados a partir da década de 80, a partir dos diversos movimentos sociais organizados, tendo como ponto de partida as teorias da Teologia da Libertação, impulsionados principalmente pelas CEB's.

De acordo com as observações sistemáticas realizadas ao longo do período de pesquisa empírica, foi possível identificar respostas à problemática apresentada inicialmente no desenvolvimento deste estudo. Dessa forma podemos afirmar que, de fato, existe uma contribuição expressiva da experiência política e educacional no que tange à promoção de uma educação libertadora entre moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Esse fator se apresenta de maneira clara na apropriação e circulação educacional realizada pelos moradores do SFS e demais sujeitos que pertencem ao território.

Esta experiência nos possibilitou o entendimento apurado do trabalho desenvolvido no território suburbano, o qual atua como mola propulsora de uma práxis educativa libertadora, na medida em que, partindo de sua cultura e memória local, oportuniza a efetiva emancipação política, através das atividades educativas realizadas com a comunidade local, estabelecendo pontes com a academia, ampliando o entendimento e vivências através do significado sócio-político que possibilita, de maneira complexa, o rompimento com o jugo da opressão, subalternidade e invisibilidade secularmente estabelecidos.

A região do Subúrbio Ferroviário de Salvador se constitui de fato como um pólo efervescente de significados sócio-políticos. Essa característica é visível, pois os moradores do SFS, historicamente, têm uma atuação efetiva que, desde os primórdios, dialogava com os movimentos sociais, possibilitando o alcance de determinadas políticas sociais à população.

Desse modo, a educação popular se apresenta como o norte primeiro utilizado nas estratégias adotadas pela população e que se constitui um ponto de resistência, marcada pela continuidade das ações desenvolvidas ainda na contemporaneidade, dentre as quais, se destacam as ações em prol da saúde e da educação de um povo historicamente estigmatizado.

Deste modo, compõe em torno deste mesmo território o entorno da região do subúrbio ferroviário de Salvador que se expressa como ponto de valorização dessa cultura suburbana, na medida em que promove o reconhecimento da memória do povo do lugar, e atua como indutor de um outro tipo de socialização humana possível. Desta que tem mesmo com o passar dos anos se apresentando ainda hoje como ponto de conexão que se exerce observando o princípio da alteridade, da ética e acima de tudo, valorizando o saber que acompanha cada sujeito imbricado nestas relações.

Referências

ARAÚJO, Renata Miranda de. **A Liberdade Como Princípio Para uma Educação Transformadora**. Dissertação mestrado, Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2015.

ARROYO, Miguel.G. **Outros Sujeitos, Outras pedagogias**. 2 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ARROYO, M.G. **Indagações sobre currículo – educandos e educadores: seus direitos e o currículo**. Brasília. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag2.pdf>. Acesso em: 30 jan.2021.

MARTIN~BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**; tradutoras: Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

BOMFIM, Luciano Sérgio Ventin. **A ontologia Humana enquanto referencia para uma educação popular emancipatória**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 24, n. 43, p. 205-213, jan./jun. 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

DOS ANJOS, José Edemilson Pereira. **O Pensamento Educacional de Anísio Teixeira e De Paulo Freire: A Educação no Brasil os Desafios da Contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade– PPGEduc, Universidade do Estado da Bahia. Faculdade de Educação. Salvador, Ba, 2015.

EVARISTO, Conceição. **Dos risos, dos silêncios e das falas**. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Org.). *Mulheres no Brasil: resistências, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2006.

FRANCO, Marielle. **UPP a redução da favela em três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 59ª ed. 2015.

_____. **Educação Como Prática da Liberdade**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa e comum**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 4., 2012, São Paulo, **Anais eletrônicos...**São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid>>. Acesso em: 01 fev.2021.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**. São Paulo: 34, 2009.

MENDES, Sheylla M^a. **Juventude e mídia tribunal**: considerações sobre a violência a partir de uma abordagem televisual. Curitiba: Appris, 2017.

OLIVEIRA, M. W. Et.al. **Processos educativos em práticas sociais**: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu, MG. Anais., Caxambu, MG: ANPED, 2009.

SANTOS. José Eduardo Ferreira. **Travessias: A adolescência em Novos Alagados**; trajetórias pessoais e estruturas de oportunidades em um contexto de risco psicossocial – Bauru, SP: Edusc, 2005.

STRECK, Danilo R. ESTEBAN, Maria Tereza (Orgs). **Educação Popular: lugar de Construção social e coletiva**. In: AMARAL. Débora Monteiro & MONTRONE, Aida Victória Garcia. **Educação Popular: Metodologia de Pesquisa como processo educativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Declaro, por meio deste termo, que, concordei em ser entrevistado (a) e/ou participar da pesquisa de campo referente ao Trabalho de Pesquisa intitulado **A memória do povo e do lugar e a relevância da educação igualitária e continuada nas bases comunitárias de educação popular** desenvolvido por Andreane Pereira Moreira, mestra em Educação e Contemporaneidade - UNEB, neste ato, pesquisadora livre, com apoio financeiro do Estado pelo programa da Fundação Pedro Calmon, via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo federal.

Fui informado (a), ainda, que a pesquisa é de total responsabilidade da mesma, a quem poderei contactar através do telefone nº (71) 982367596 ou e-mail andreanemoreira@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para a fundamentação da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos do estudo, que, em linhas gerais são: Mostrar a influência da memória e da cultura apreendida pelos moradores do SFS; Construir elementos de pertença e identificação a partir da memória de antigos moradores com a comunidade do SFS; Gerar elementos educacionais de base a partir de memórias cultivadas e experienciadas pela comunidade do SFS.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão em conformidade às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos.

Minha colaboração será firmado por meio de gravação de áudio e vídeo a ser registrada a partir da assinatura desta autorização.

O acesso e a análise dos dados coletados serão manipulados apenas pelo (a) pesquisador (a).

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse estudo / pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura do (a) pesquisador (a): _____

Salvador, ____ de _____ de ____ 2021.